

*Tecnologias e currículo:
trajetórias convergentes ou divergentes?*
de Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida
e José Armando Valente

São Paulo: Paulus, 2011, 93 p. (Coleção Questões Fundamentais da Educação - 10)

Kelly Victor

Mestranda em Educação na Universidade Nove de Julho (PPGE-Uninove);
Professora de Informática Educativa na Rede de Ensino Municipal de São Paulo.
São Paulo, SP [Brasil]
k.victor81@hotmail.com

Tecnologias na educação: diálogo necessário

O uso cada vez mais frequente das tecnologias de informação e comunicação na escola e na sala de aula impulsiona a abertura ao mundo e ao contexto social. Essa abertura gerou novos desafios e oportunidades para a incorporação tecnológica ao currículo escolar, às práticas pedagógicas desenvolvidas no interior das escolas e, principalmente, à formação dos professores. Criam-se, portanto, novas maneiras de ensinar e aprender.

Nesse contexto, o livro de José Armando Valente e Maria Elizabeth Bianconcini Almeida é muito bem-vindo por abordar os usos das tecnologias na educação e, especialmente, sobre como integrá-las ao currículo. A obra originou-se de um susto que os autores tiveram ao indagar aos alunos participantes de um curso de pós-graduação sobre o entendimento que eles tinham acerca da integração das tecnologias ao currículo. Muitos se mostraram inseguros quanto aos significados dessa integração.

O livro é dividido em seis capítulos. O primeiro traz uma reflexão sobre o conceito de currículo na educação. Em uma perspectiva comparada, são apresentadas várias abordagens de como o currículo é situado por diferentes autores como Pacheco (1996), Apple (1994) e Giroux (1997). O conceito de currículo é definido por Goodson, por exemplo, “como uma construção social que se desenvolve em ato no âmbito da interação dialógica entre escola, vida, conhecimento e cultura e produz percursos diversificados.” (p. 14). Nessa concepção, o currículo não se restringe à transferência e aplicação de conteúdos: ele deve ser reconstruído pelos professores na elaboração de planos, planejamentos e projetos de ensino, abar-

cando sempre a vivência do aluno. Ainda neste capítulo, retrata-se a importância de compreender o currículo como elemento vivo que contemple “a diversidade, a solidariedade, a igualdade de acesso aos instrumentos culturais e a construção da democracia participativa.” (p. 17). Os processos avaliativos são criticados quando entendidos como mera classificação do desenvolvimento de competências, e entendidos na sua condição de processo formativo que ganha novos contornos ao integrar-se às novas linguagens midiáticas e tecnológicas, potencializando o ensino e a aprendizagem.

O segundo capítulo examina a presença das tecnologias digitais na cultura contemporânea enquanto promotora de novos modos de expressão e comunicação, de novos campos de estudos e pesquisas. A tecnologia passa a se relacionar às demandas de novas competências que se tem exigido na vida contemporânea, como o letramento digital que, segundo os autores, “designa o domínio das tecnologias digitais no sentido de não ser um mero apertador de botão (alfabetizado digital), mas de ser capaz de usar essas tecnologias em práticas sociais.” (p. 23). De acordo com os autores, integrar essas tecnologias à educação representa o novo desafio educacional e não tem sido uma tarefa fácil. Atualmente, há diversos grupos de pesquisadores (citados no livro) pesquisando e teorizando sobre os modos em que essa integração pode se dar em benefício da formação.

No capítulo três, a discussão se volta para a relação entre tecnologias e currículo. Evidencia-se o uso das tecnologias nos currículos por meio de projetos educativos, numa perspectiva otimista de favorecimento da emancipação humana e da consciência crítica. Tal análise também abrange a questão das comunidades de aprendizagem constituídas em redes sociais e viabilizadas pelo uso de ferramentas e interfaces da Web 2.0. Afirmam os autores que o currículo é o conteúdo que emerge nessa rede e se potencializa ao promover processos de construção de conhecimento e aprendizagem por meio da criação colaborativa, além de superar a padronização, “pois o que foi previamente planejado pode ser reconstruído no andamento da ação, gerando múltiplos currículos.” (p. 36).

O capítulo quatro problematiza as razões pelas quais as trajetórias do currículo e das tecnologias divergem, destacando como principais motivos: o fato de as tecnologias de informação e comunicação ainda não estarem acessíveis em todas as escolas e lares brasileiros; os rápidos avanços tecnológicos representam um fator complicador no processo de apropriação da tecnologia pelo professor; os docentes não contam com formação adequada; falta preparo aos gestores educa-

cionais para darem suporte às inovações pedagógicas e administrativas essenciais para a transformação das práticas pedagógicas; as rígidas estruturas de funcionamento dos sistemas de ensino dificultam novas formas de organização, tempos e espaços das aulas. E, por último, a “falta de apoio ao professor para auxiliá-lo nas mudanças de crenças pessoais, de concepções e, mais concretamente, de postura diante do novo.” (p. 40).

Já o capítulo cinco versa sobre soluções e estratégias que podem facilitar o processo de assimilação das tecnologias ao currículo. São discutidas três experiências de novas práticas pedagógicas. A primeira relata a criação de um *software* na área de matemática que assessora o aluno na realização de generalizações matemáticas. As outras duas experiências tratam da implementação de *laptops* em sala de aula, indicando como resultados a melhoria na qualidade da escrita dos alunos e na sua capacidade de acessar e gerir informações e de trabalhar em grupos de forma colaborativa.

Por fim, no último capítulo são tecidas considerações acerca de uma nova visão de educação. Sob essa perspectiva, são elencados alguns elementos que poderão implicar mudanças necessárias para a incorporação das tecnologias ao currículo. Os autores ratificam que é primordial reconhecer as tecnologias de educação e comunicação não como ferramentas tecnológicas, e sim “como ferramentas cognitivas, capazes de expandir a capacidade intelectual de seus usuários.” (p. 71). Nesse sentido, a educação deve incorporar à dinâmica didática e pedagógica das escolas propostas de trabalhos educativos baseados em resoluções de problemas, temas geradores e projetos. “No entanto, para que essa integração tecnológica ocorra, é preciso implantar mudanças em políticas, concepções, valores, crenças, e que certamente vão necessitar de um grande esforço dos educadores e da sociedade como um todo.” (p.75).

O livro é um convite ao leitor e à leitora – professores, gestores, estudantes e outros profissionais da educação – a repensar o uso das tecnologias de comunicação e informação dentro das escolas, particularmente quanto a sua incorporação aos currículos. Constitui uma obra que perfaz uma densa discussão sobre a importância dessa incorporação, pois abre novos horizontes aos futuros estudos e pesquisas que se preocupam em avaliar as concepções de currículo e de tecnologias como aspectos inter-relacionados e fundamentais na aquisição de novas aprendizagens, destacando sua integração a uma concepção de formação cidadã.

